

CRUZADA DOS MILITARES ESPÍRITAS

Rua São Valentim, 142 – Tel (21)2273.4896 – Fax (21)2273.5790
20260-110 – Rio de Janeiro – RJ

MENSAGEM MAURÍCIA / 2001

*De autoria do Cz 5.427, Cel R/I Newton Pereira Carvalho,
Representante da CME no Distrito Federal*

Estimados Irmãos Cruzados

Quando adentrei a AMAN pela primeira vez, deparei no Pátio Ten Moura a frase lapidar: “Cadete, ides comandar, aprendei a obedecer”.

Esta grata e emocionante surpresa de constatar a exortação ao cumprimento do dever soa como palavra de ordem e de fé, lembrando os títulos “O Dever” e “Superiores e Inferiores” de O Evangelho segundo o Espiritismo: “O dever é o mais belo laurel da razão, descende desta como de sua mãe o filho...”; “... Se o superior tem deveres a cumprir, o inferior, por seu turno, também os têm e não menos sagrados”.

Nós, militares, temos uma profissão diferente, na qual importa associar a idéia da paz ao preparo para a guerra. Este aparente paradoxo se explica na própria legislação de grande inspiração religiosa, como se lê no R/1, em seu artigo 18, número 3: “Esforçar-se para que seus subordinados façam do cumprimento do dever militar um verdadeiro culto...”; e no artigo 83, número 4: “Procurar desenvolver, entre todos os comandados, o sentimento do dever e o devotamento à Pátria, nunca esquecendo que os melhores esforços devem tender sempre para um único e nobilitante fim – a preparação da subunidade para a guerra...”

Depreende-se que o cumprimento do dever militar é um ato de fé e de devotamento à Pátria, e que é um ato de nobreza a preparação para a guerra. Por conseqüência, a preparação para a guerra é a melhor maneira de preservar a paz pela conjugação de esforços que exige para manter a integridade nacional e a soberania, garantias da ordem e do progresso.

Léon Denis confirma esta assertiva e vai além, afirmando que a guerra ainda é um mal necessário ao progresso da humanidade.

Diante do império da violência, identificamos na literatura espírita as defesas de Nosso Lar, com cercas eletrificadas e baterias para alvejar entidades trevosas que tentem invadir a colônia, fato que avaliza a necessidade da preparação bélica.

A fé que deve possuir o militar é enaltecida com loas pelo próprio Cristo, quando procurado pelo centurião para curar um subordinado e ouve estas palavras: “Senhor, eu não sou digno de que entreis em minha casa. Fala ao Verbo e meu servo será curado. Pois eu também sou subordinado e tenho soldados às minhas ordens...” Ouvindo isto, cheio de admiração, disse Jesus aos presentes: “Em verdade vos digo que não encontrei semelhante fé em ninguém de Israel...” (Mt 8:8-10)

Na presente data significativa de 22 de setembro, homenageamos o soldado que se constituiu no protótipo do guerreiro cristão, que combate não com o mero objetivo de destruir, mas sim de impedir que o inimigo destrua; que devota a sua ação à causa superior do próprio Cristo do qual é servo, como Paulo recomenda aos efésios (6:6), “Não servindo à vista, como para agradar aos homens. Mas como servos de Cristo, fazendo de coração a vontade de Deus”.

Maurício é, para a Igreja Católica, o santo do dia 22 de setembro., o grande guerreiro mártir da cristandade. Para nós, da Cruzada dos Militares Espíritas é o grande patrono e guia, cujo espírito sublime se investe de todas as virtudes aqui ressaltadas, tornando-se farol

luminoso a nos mostrar o caminho da fé e do dever.

Maurício, ao cristianizar toda a sua tropa, tornou-a de grande renome, o que levou o imperador a requisitá-la do Oriente Médio para outras importantes tarefas nas Gálias, em território da atual Suíça.

Aguardando missões, acampado na planície de Agauno, Maurício se recusa à convocação de Maximiliano, imperador e comandante das tropas, no sentido de prestar culto propiciatório aos deuses pagãos, diante de sua devoção e fidelidade ao Cristo. Ao receber ultimato na madrugada deste dia, convocando-o a comparecer com a tropa às cerimônias religiosas, coloca sua coorte em forma, expressa sua atitude e libera os comandados que queiram a elas comparecer. Ante a total imobilidade de seus homens, informa Maximiliano de sua decisão, tendo por resposta que a Coorte Auxiliar Tebana passava a ser considerada tropa inimiga e que seria submetida à dizimação imediata.

Realizada a primeira dizimação, não se altera a heróica passividade da Coorte, o que leva o César a determinar uma segunda, também sem resultados. Enfurecido, Maximiliano determina a decapitação do restante da tropa.

Esta é, talvez, a mais fulgurante epopéia do martirologio dos primeiros cristãos, por ter sido vivida por homens livres, poderosos guerreiros que combatiam em nome do Cristo e que em nome do Cristo se recusaram a obedecer uma ordem não de matar, mas apenas de render um culto pagão. Assume dimensão superlativa em relação aos outros episódios em que os mártires eram presos e conduzidos ao sacrifício, inermes e sem a menor condição de reagir. A Coorte Tebana poderia reagir também em nome do Cristo, como faziam em todos os combates, mas preferiram a maior vitória, a da renúncia ao vaso físico pela convicção de servirem melhor ao Senhor.

Este comportamento único de renúncia é marco indelével para todos os tempos, como paradigma de fé e noção do cumprimento do dever. Hoje o holocausto não consiste na renúncia no momento supremo, mas sim naquela construída dia-a-dia no cumprimento de nosso dever ante a Pátria querida, seja na paz, seja na guerra.

Hoje a maior guerra é a do combate interior, recôndito, contra as mazelas que cristalizamos ao longo dos milênios e que urge serem extirpadas, dado o imenso fulgor da flama que foi acesa por Maurício e seus comandados há dezessete séculos.